

# Os erros fonéticos de aprendentes lusófonos do Francês

*Leticia Almeida*

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

## 1. Introdução

### 1.1 Enquadramento teórico

Os estudos sobre a aprendizagem de uma língua não materna (L2) têm discutido as semelhanças e diferenças entre a aquisição de uma língua estrangeira e a aquisição de uma língua materna (L1). Um dos principais problemas de quem trabalha nessa área é o de perceber como é possível proceder à aprendizagem de uma L2 quando os parâmetros inatos de aquisição de uma língua já foram activados com o valor seleccionado pela L1 do falante. O adulto terá total acesso à gramática universal e construirá a sua L2 a partir dela? Ou será que a construção se fará apenas a partir da língua já adquirida? Para responder a tais perguntas, os investigadores de aquisição de L2 centram a sua atenção nas estratégias utilizadas durante a aprendizagem de uma segunda língua. Sabe-se que um aprendente geralmente é bem sucedido, embora nunca chegue a atingir totalmente o nível de fluência na sua L2 equivalente à dos falantes nativos dessa mesma língua. Interessa perceber porquê e quais os mecanismos envolvidos no processo de aquisição de L2 que impedem a obtenção desse grau de proficiência. Ao longo do seu percurso de aprendizagem, o falante terá de desenvolver estratégias para processar estruturas que não consegue produzir conforme a língua-alvo. É a análise destas estratégias de reconstrução seleccionadas pelos adultos falantes de uma L2 que vai permitir compreender os mecanismos envolvidos na aquisição de uma língua estrangeira e permitir responder às questões acima listadas.

Uma das questões centrais na área da aquisição de L2 é a de tentar identificar qual o ponto de partida de um falante adquirindo uma segunda língua: será a gramática universal, como na aquisição da língua materna, ou será simplesmente a língua já adquirida? As respostas a esta pergunta têm sido fornecidas no âmbito de diferentes modelos de aquisição de L2. As hipóteses decorrentes destes modelos de aquisição dividem os investigadores em dois grupos:

(i) os que consideram que não há qualquer acesso à Gramática Universal e que o falante tem como ponto de partida a sua língua materna (no-access position, Lado 1964); neste caso, todos os erros teriam de ser explicáveis com a noção de "transfer", que designa o facto de uma dada característica da língua materna ser mantida e usada na língua-alvo para estruturas ainda não completamente dominadas.

(ii) os que postulam que o acesso à Gramática Universal é possível, sendo que existem duas sub-correntes que partilham esta opinião: segundo alguns, a Gramática Universal está completamente disponível, tal como no início da aquisição da língua materna (direct-access position, White 1989). No entanto, a posição mais geralmente aceite é a de que a

Gramática Universal está disponível por intermédio da L1, mas os valores dos parâmetros fixados aquando da aquisição da língua materna podem ser alterados durante a aquisição de língua segunda, permitindo a co-existência de dois sistemas linguísticos (indirect-access position, Ervin-Tripp 1974, Corder 1973). Esta última hipótese permite explicar a razão pela qual o conhecimento gramatical de um aprendente de uma segunda língua nunca chega a alcançar o conhecimento de um falante nativo: enquanto este último tem total acesso à Gramática Universal, o primeiro só tem acesso a ela através da sua língua materna; ou seja, a aquisição tem, nos dois casos, pontos de partida diferentes.

A adopção de um destes modelos teóricos vai influenciar aquilo que se considera estar envolvido no processo de estabelecimento de uma gramática para uma segunda língua, ou seja, quais os factores que explicam os erros dos aprendentes. Para perceber a forma como se processa a aquisição de uma L2, a análise das estratégias de reconstrução de estruturas problemáticas é central. Os estudos nesta área têm apontado para três hipóteses diferentes, relacionadas com os factores que condicionam o acesso à língua-alvo:

- (i) influência da L1: o aprendente está condicionado pela sua L1, consegue produzir as estruturas da sua língua materna e tem dificuldades, no caso da componente fonológica da gramática, nos sons que não fazem parte do seu sistema fonológico. Os sons da língua-alvo não presentes no elenco de sons da língua materna são realizados como sons de L1: trata-se de um processo de “transfer” (Lado 1964).
- (ii) influência de preferências universais: o aprendente realizará mais facilmente estruturas menos marcadas da língua-alvo, sendo que as estruturas mais marcadas são de aprendizagem mais tardia e nem sempre bem sucedida (White 1989).
- (iii) “developmental hypothesis”: segundo esta hipótese, as estratégias utilizadas durante a aquisição da língua-alvo são semelhantes às estratégias às quais as crianças recorrem aquando da aquisição da sua língua materna (Corder 1967).

Na verdade, estas três hipóteses podem coexistir. Segundo o modelo de Major (1986), *The ontogeny model*, as estratégias de “transfer” são muito elevadas no início mas passam a ser cada vez menos frequente ao longo do tempo; quanto aos processos de desenvolvimento, estes são pouco frequentes no início, vão aumentando ao longo da aprendizagem e acabam por diminuir.

Independentemente do quadro teórico adoptado, é geralmente assumido que, durante o processo de aquisição da L2, existe uma interlíngua. A interlíngua é uma noção introduzida por Selinker (1972) e Corder (1973), que defendem que, durante o processo de aquisição, o aprendente vai elaborando um sistema linguístico próprio, independente da L1 e da L2, que é regido por regras e sobre o qual o aprendente possui conhecimentos gramaticais. É portanto um estágio de desenvolvimento intermédio, autónomo em relação à língua materna e ainda não equivalente ao sistema da língua-alvo. A interlíngua é um sistema dinâmico, instável e em constante reestruturação. É este sistema linguístico que a análise dos erros dos aprendentes pretende descrever.

## 1.2 Objectivos do trabalho

No presente trabalho, pretende-se analisar o comportamento de aprendentes lusófonos na produção de um inventário fonológico distinto do da sua língua materna, assumindo que os seus erros possam dar conta da reestruturação do seu sistema fonológico. Pretende-se igualmente identificar as dificuldades dos aprendentes lusófonos no processamento de uma estrutura que envolve um processo fonológico da língua-alvo: um caso de *liaison proibida*. Tentar-se-á, assim, contribuir com evidência empírica para responder às seguintes questões de investigação: *será que existem sons de mais difícil aprendizagem do que outros? Quais os factores envolvidos na aquisição de uma L2? Veremos em que medida os nossos resultados poderão ser interpretados à luz dos modelos propostos para explicar a aquisição de L2.*

Embora a análise contrastiva revele nem sempre ser possível prever nem explicar todos os erros dos aprendentes de L2 (Towell & Hawkins 1994), pois nem todos se podem explicar somente pela comparação dos sistemas linguísticos da língua de origem e da língua-alvo, parece-nos que a comparação desses mesmos sistemas linguísticos pode servir como ponto de partida para a explicação de certos erros. Nesta linha, levar-se-á a cabo uma comparação entre o sistema fonológico do Francês e do Português.

## 1.3 Descrição dos sistemas fonológicos do Português e do Francês

Nesta secção, será efectuada a descrição dos sistemas fonológicos da língua materna e da língua-alvo. Desta forma, serão evidenciadas zonas de maior dificuldade, sendo que estas podem ser delineadas a partir da diferença existente entre os dois sistemas fonológicos: os sons que os dois sistemas possuírem em comum não deverão constituir problema enquanto que os sons presentes no sistema alvo e não no sistema de origem representarão uma maior dificuldade, tanto a nível da percepção, num primeiro momento, como da produção.

A nível do sistema consonântico, as diferenças entre os dois sistemas linguísticos são mínimas: o Português possui duas consoantes que não existem em Francês: o [ʎ] e o [r]. Em suma, todas as consoantes presentes no sistema da língua-alvo já estão presentes no elenco de sons da língua materna, o que sugere que este domínio não deve constituir uma zona de grandes problemas.

No que diz respeito às vogais, as diferenças são mais notáveis. Para exemplificar melhor estas diferenças, vejamos uma tabela em que estão inseridas as vogais dos dois sistemas linguísticos, incluindo vogais orais, nasais e semivogais<sup>1</sup>:

<sup>1</sup> Esta tabela consiste na adaptação da descrição dos inventários fonológicos de Nguyen, Wauquiers-Gravelines & Durand (2005) para o francês e de Mateus e Andrade (2000) para o português.

Vogais e semivogais do **Francês** e do *Português*

	Não recuado		Recuado	
	Não arredondado	Arredondado	Não arredondado	Arredondado
Alto	<i>j, i, ī j, i</i>	<b>ɥ, y</b>	<i>i</i>	<i>w, u, ū w, u</i>
Médio	<i>e, ē e</i>	<b>ø</b>	<i>e, ē</i>	<i>o, ô o</i>
baixo	<i>ɛ e, ē</i>	<b>œ, œ̄</b>	<i>a a, ã</i>	<i>ɔ ɔ, õ</i>

Há, portanto, uma classe de vogais orais e uma semivogal cujo ponto de articulação não existe em Português padrão: são as não recuadas e arredondadas.

Note-se que não tomámos em consideração o segmento vocálico [ə] porque, para além de não ser um fonema, o seu ponto de articulação é problemático e a maioria dos falantes realizam-no como [ø] ou [œ].

As vogais nasais do Francês diferem das do português pela altura: em Francês, as vogais nasais são associadas ao nível de altura baixo, por oposição ao Português em que são associadas ao nível de altura alto ou médio.

Estas são as diferenças encontradas entre os dois sistemas linguísticos. Note-se ainda que a vogal nasal [œ̄] no Francês padrão está a desaparecer, sendo que as oposições entre [œ̄] e [ē] se encontram limitadas a zonas periféricas, como o caso do Francês do Midi. Não se sabe portanto qual das duas variantes foi ensinada aos alunos, presume-se que as duas possam coexistir.

Posto isto, formulámos as seguintes hipóteses:

- (i) espera-se dificuldades relativamente à produção das vogais com um ponto de articulação não existente no PE.
- (ii) Espera-se problemas na realização do nível de altura baixo associado à nasalidade.
- (iii) Vogais presentes nos dois sistemas fonológicos não deverão constituir problema.

Com o presente trabalho, pretende-se igualmente testar a sensibilidade dos aprendentes lusófonos em relação aos casos de *liaison* proibida de que são objectos as palavras começadas por *h-aspiré*: *héros, haut, onze, hibou, hongrois, haricot, hollandais*.... Estas palavras, que graficamente podem possuir um *h-aspiré* ou não, são caracterizadas por se comportarem como palavras iniciadas por consoante em muitos contextos, daí o facto de não admitirem *liaison* com o determinante que as precede.

Algumas destas *liaisons*, se forem realizadas, desencadeiam alterações semânticas; vejamos o exemplo:

Les héros      [ leero ] \*[ lezero ]

## Les zéros [ lezero ]

A *liaison* designa um processo que consiste no aparecimento de uma consoante em final de palavra quando a palavra seguinte começa com um segmento vocálico, em palavras que de outra forma terminam em vogal, podendo ser o segmento consonântico [z], [n] ou [t] (Dell 1973, Durand 1990). É portanto um fenómeno de sândi, que se pode ilustrar com o seguinte exemplo (a consoante vem sublinhada quando é pronunciada): *les enfants/ les parents*.

Em português, a fricativa de marcação de plural é alvo de um processo de sândi, podendo-se realizar como [z], [ʃ] ou [ʒ] (Frota 1995a, Mateus & Andrade 2000).

A *liaison* é apesar de tudo um processo para o qual tem sido difícil estabelecer regras. É geralmente estabelecido que existem *liaisons* obrigatórias (entre um determinante e um nome), *liaisons* opcionais e *liaisons* proibidas (por exemplo no caso das palavras começadas por um *h-aspiré*). Vejamos o quadro apresentado em *Encrevé* (1988) para dar conta do fenómeno:

Tabela de classificação das *liaisons*

	invariáveis	Variáveis	Erróneas
Nome	Det+ nome/pronome/adj <i>Vos enfants</i>	Nome plural + <i>Des soldats</i> <i>anglais</i>	Nome sg+ <i>Un soldat</i> <i>anglais</i>
Verbo	Pronome pessoal + verbo <i>Ils ont compris</i>  Verbo+ pronome pessoal <i>Ont-ils compris</i>	Verbo + <i>Je vais essayer</i>	
Especiais	Formas fixas <i>Comment allez-</i> <i>vous</i> <i>Tout à coup</i> <i>De temps en</i> <i>temps</i>		h-aspiré <i>Des héros</i> <i>en haut</i>

A *liaison* é portanto um fenómeno ligado à sintaxe e à prosódia, embora não possa ser exclusivamente explicado por cada um destes domínios da gramática. Estabelece ligações com a sintaxe porque quanto mais a relação sintáctica entre dois nomes for estreita, por exemplo entre um determinante e um nome, maior a possibilidade de a *liaison* ser obrigatória. A *liaison* está no domínio da prosódia na medida em que os grupos com relação sintáctica estreita geralmente fazem parte de um mesmo grupo prosódico.

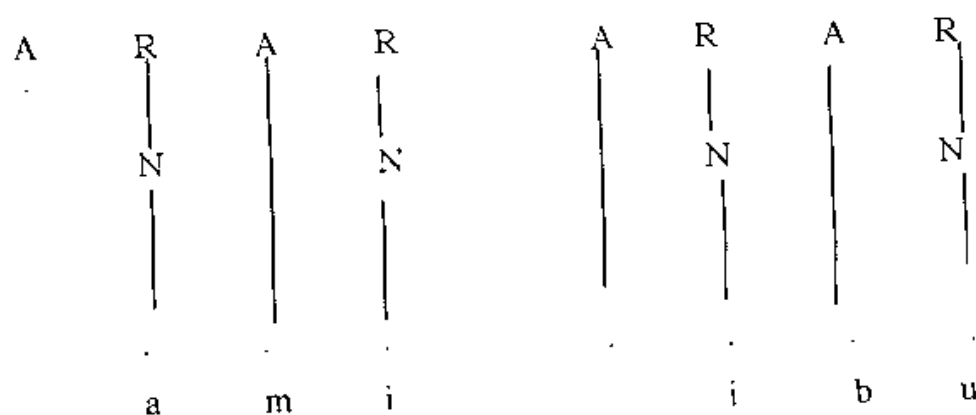
Várias propostas têm sido apontadas para explicar a razão pela qual a realização da *liaison* antes de palavras começadas por *h-aspiré* é proibida.

A fonologia linear, ou mantinha a consoante de *liaison* como forma de base e elaborava uma regra de apagamento nos casos em que não acontece *liaison*, ou elaborava representações subjacentes sem as consoantes de *liaison* e fazia-as aparecer antes de vogal por uma regra de epêntese (Dell 1973).

A abordagem da fonologia multilinear é bastante diferente, introduzindo o conceito de segmento flutuante, surgido com a fonologia autosegmental, e de estrutura silábica. A sílaba passa a estar internamente organizada por encadeamentos de ataques e rimas. A consoante de *liaison* é vista como extrassilábica. É uma consoante latente, no sentido em que faz parte da estrutura profunda da palavra mas só é realizada foneticamente como ataque da sílaba seguinte se este estiver vazio e nulo (ou seja, se a palavra seguinte começar por uma vogal). O *h-aspiré* é visto como um elemento ligado à estrutura silábica, mas sem elemento correspondente na linha segmental (Clements & Keyser 1981, Booij 1984).

Segundo Encrevé (1988), a diferença entre as palavras iniciadas por vogal e as palavras iniciadas por *h-aspiré* é que as primeiras possuem um ataque vazio e nulo enquanto as segundas possuem um ataque vazio não nulo, ancorado no esqueleto. No primeiro caso, o ataque é visto como um segmento flutuante, não ancorado no esqueleto e sem correspondência na linha segmental. É portanto nulo. No segundo caso, o ataque tem uma posição no esqueleto, embora não tenha elemento na linha segmental, o que faz com que seja um ataque vazio (na linha segmental) mas não nulo (pois possui uma posição no esqueleto). Segundo Encrevé, uma consoante final flutuante só pode ocupar uma posição no esqueleto se a palavra seguinte começar por um ataque nulo, o que não acontece nos casos das palavras começadas por *h-aspiré*.

Ilustremos:



Apesar de tudo, referiremos que os casos de *liaison* com palavras começadas com *h-aspiré* são bastante frequentes no discurso espontâneo de falantes nativos do Francês. As únicas que são totalmente proibidas são as que podem promover alterações nas propriedades semânticas dos enunciados. É nossa opinião que uma teoria sobre a explicação da não *liaison* nestes casos deveria ter em conta essa opcionabilidade.

Em relação à produção dos aprendentes lusófonos, colocamos a hipótese de que realizarão a *liaison* com palavras começadas por *h-aspiré*, aplicando a regra geral de realização da *liaison* a este contexto de excepção.

## 2. Metodologia

Em função dos objectivos acima expostos, elaborou-se um estímulo escrito composto por trinta frases da língua-alvo, sendo que a elaboração das frases foi precedida de um estudo prévio sobre quais as principais dificuldades dos aprendentes lusófonos relativamente aos sons do francês; este estudo prévio foi o resultado de dados apresentados por um professor de Francês da FLUL, que costuma anotar os erros fonéticos dos seus aprendentes de forma a poder corrigi-los. As frases visam essencialmente testar a produção do sistema vocálico e de alguns casos de *liaison* proibida, nomeadamente a sequência entre um determinante e um nome começado por um *h-aspiré*. As frases contêm todas as vogais orais e nasais do francês, assim como três contextos de *liaison proibida*.

Depois de elaborado o estímulo escrito, foi pedido a doze alunos do primeiro ano de um curso de *Línguas e Literaturas Modernas* que incluisse o francês numa das suas variantes, para lerem as frases em voz alta. Os alunos em observação estudam o francês desde há, no mínimo, sete anos. A recolha dos dados foi efectuada com uma câmara de filmar digital *Panasonic GS-200*, equipada de um microfone, e obteve-se um filme com a duração de 21 minutos. Em seguida, os dados foram transferidos de uma cassete mini-dv para o formato *quicktime*, formato a partir do qual foi feita a transcrição fonética, com a utilização de auscultadores *Sennheiser HD 497*. A tarefa de transcrição dos dados teve uma duração total de dez horas. Foram transcritas todas as locuções, que foram posteriormente revistas por dois transcritores, um falante nativo do português e um falante nativo do francês.

Não foram tomadas em consideração as locuções do falante nº 1 natural de Suíça.

Antes de prosseguir, é importante sublinhar que a tarefa de transcrição dos dados foi particularmente difícil, pois várias produções não correspondiam nem a sons do sistema-alvo nem a sons da língua materna. Acabou por se optar por representar estes sons como os sons do Português mais próximos.

## 3. Apresentação dos dados e análise do resultados

Como previsto, os alvos não atingidos no sistema vocálico são quase sempre segmentos que só pertencem à língua-alvo, nomeadamente as vogais não recuadas arredondadas e as vogais nasais. A análise das estratégias de substituição de sons da língua-alvo permitirá avaliar os factores envolvidos no processo de aquisição de L2: se for a língua materna, a estratégia utilizada será o *transfer*; se a aquisição se processar de forma semelhante à aquisição de uma L1, será a *interlíngua*. Vejamos portanto as estratégias utilizadas pelos aprendentes para substituir segmentos problemáticos:

Troca de segmentos vocálicos pelos aprendentes	
ø	→ e (nombreux) ø (précieux) i (précieuse) ɐ (ceux) œ (malheureuses) o (cheveux) u (bleue) y (heureux)
y	→ u (lune)
u	→ y (épouses)
œ	→ ɐ (seule) ø (preuve) ø (preuve) o (receuil)
e	→ o (héros) ø (des) ɐ (des)
o	→ ɐ (égaux)
ã	→ õ (négligent) ɐ (lentement)
õ	→ õ (élections)
ẽ	→ õ (vin)

Repare-se que o traço arredondado passa a não arredondado em 8% dos casos:

ø → e	3%	(<nombr[ø]x> [nõ'bɾe] fal.4)
ø → ɐ	3%	(<malheur[ø]ses> [malø'ɾɛz] fal. 9)
o → ɐ	1%	(<b[o]x> ['bɛ] fal. 5)
œ → ɐ	1%	(<s[œ]le> ['sɛl] fal.11)

O traço não recuado pode passar a recuado:

y → u	3%	(<b[y]t> ['but] fal.4)
-------	----	------------------------

Analisando especificamente a classe das vogais não recuadas e arredondadas, reparamos que existem três estratégias de substituição: pode-se modificar apenas um dos dois traços ou alterar o valor dos dois.

As vogais não recuadas e arredondadas são realizadas conforme o alvo em 72% dos casos. Existe recuo da vogal e manutenção do traço arredondado em 21 % dos casos:



- ø → e 7% (<préc[ø]x> [pre'so] fal.6)
- ø → o 1% (<bl[ø]> ['blo] fal.8)
- ø → u 1% (<h[ø]reux> [u'rø] fal.4)
- œ → e 2% (<pr[œ]ve> ['prøv] fal.8)
- œ → o 1% (<rec[œ]il> [Rə'kjoj] fal. 5)
- y → u 9% (<b[y]t> ['but] fal.4)

Existe a manutenção do traço não recuado e perda do arredondamento em 3% dos casos:

- ø → e 3% (<nombr[ø]x> [nõ'bɾe] fal.4)

Existe uma alteração concomitante do valor dos dois traços em 4 % dos casos:

- ø → e 3% (<malheur[ø]ses> [malø'rɛz] fal. 9)
- œ → ɛ 1% (<s[œ]le> ['sɛl] fal.11)

Pode-se portanto afirmar que a estratégia preferida para substituir as vogais não recuadas e arredondadas é a perda do traço não recuado e a manutenção do arredondamento da vogal.

Enfim, note-se que a vogal baixa não recuada e arredondada sofre em 25% dos casos uma elevação:

- œ → e 13% (<pr[œ]ve> ['prøv] fal. 8)
- œ → ɛ 7% (<s[œ]le> ['sɛl] fal.11)
- œ → o 4% (<rec[œ]il> [Rə'kjoj] fal. 5)
- œ → ø 1% (<pr[œ]ve> ['prøv] fal. 11)

Em relação às vogais nasais, as percentagens de desvios, que consistem na elevação da vogal, conforme o sistema fonológico da língua de origem, são baixíssimas:

- ã → ĩ 4,33% (<lentem[ã]t> [lãt'mẽ] fal.5)
- õ → ö 0,41% (<élect[õ]s> [elek'sjõ] fal.8)
- ê → ĩ 1,44% (<v[ê]> ['vẽ] fal.8)

Inesperado é o facto de acontecerem trocas de segmentos fazendo parte da língua materna, como é o caso de [e] substituído por [o], e, ainda mais surpreendente, um segmento da língua materna trocado por um segmento da língua alvo ([c] por [ø]):

- o → ɛ 1% (<b[o]x> ['bø] fal. 5)
- e → o 0,2% (<h[e]ros> [o'rø] fal.11)
- e → ø 0,1% (<d[e]s> ['dø] fal.2)

u → y 0,1% (ép[u]ses > [e<sup>1</sup>pyz] fal.4)<sup>2</sup>

Isto demonstra que, ainda que presente, o sistema da L1 não tem um papel exclusivo na troca de segmentos. Parece pelo contrário que os aprendentes estão a começar a elaborar e testar regras que possivelmente intervêm no contexto da interlíngua.

A hipótese de que as vogais não recuadas e arredondadas não são dominadas pelos aprendentes lusófonos foi confirmada; as dificuldades relativamente à produção da nasalidade associada ao nível de altura baixo não são elevadas; no entanto, note-se que quando existe um problema na produção de vogais nasais do sistema alvo, este tem a ver com a altura, já que a única estratégia de substituição é a elevação. Quanto ao facto de os segmentos pertencentes aos dois sistemas fonológicos não constituírem problema, pode-se afirmar que esta hipótese se encontra verificada na generalidade. No entanto, pode ser que as percentagens de troca de segmentos fazendo parte da língua de origem seja mais elevado num estudo que englobe um maior número de informantes.

O que sobressai, portanto, da análise dos erros dos aprendentes é que as estratégias de *transfer* e de interlíngua coexistem: a L1 continua a ter um papel importante na substituição dos segmentos da L2, mas não é o único factor. Os aprendentes demonstram estarem a formular hipóteses acerca da língua-alvo, o que indicia que possuem um sistema de interlíngua bastante estruturado, e que muitos dos erros produzidos se aproximam mais de erros de desenvolvimento, pelo facto de haver troca de segmentos pertencentes quer à L2, quer à L1 e à L2, por segmentos da L2 ou por um segmento que não faz parte de nenhum dos dois sistemas fonológicos. Para que tal aconteça, é preciso que os aprendentes possuam um conhecimento muito elevado da língua-alvo, o que é natural visto os aprendentes em análise estarem num nível escolar já muito elevado.

Em relação aos casos de *liaison* proibida, acontece que ela é *sistematicamente* realizada (96,66% dos casos). Apenas há uma ocorrência de uma *liaison* não realizada conforme o sistema-alvo: [leariko] (fal 3). Isto indica que os aprendentes ainda não assimilaram do ponto de vista fonológico que existe um segmento flutuante a preencher uma posição no nível do esqueleto do ataque de sílaba destas palavras e que impede, portanto, a *liaison*. No entanto, é importante salientar que muitos falantes nativos do Francês também não respeitam esta regra, até porque esta parece estar a ser alvo de mudança linguística. É já em contexto formal de aprendizagem, na escola, que as crianças adquirem esta regra. Estimamos portanto que o não domínio desta regra não indica uma lacuna de conhecimentos sobre o sistema-alvo por parte dos aprendentes até porque as *liaisons* obrigatórias são sistematicamente realizadas conforme o alvo.

<sup>2</sup> Conforme a observação da Prof. Maria Amanda Costa, note-se que o valor destas percentagens é irrelevante em relação aos valores previamente expostos. No entanto, referimo-los a título puramente ilustrativo: poderão constituir uma pista de análise em caso de um estudo com um maior número de informantes.

#### 4. Conclusão

Com este trabalho, tentámos delinear zonas de maior dificuldade na aprendizagem do elenco fonológico do Francês como L2 por parte de aprendentes lusófonos. Procurámos explicar estas dificuldades, assim como expor as estratégias mais frequentemente utilizadas para produzir segmentos da língua-alvo não dominados. Para saber se existem sons de mais difícil aprendizagem do que outros, era necessário fazer um estudo sobre as dificuldades de aprendentes de outras línguas maternas. Não sabemos se as vogais não recuadas e arredondadas constituem uma dificuldade especificamente para os aprendentes lusófonos ou se são universalmente mais marcadas.

Achámos necessário avaliar através do nosso estudo modelos de aquisição de L2. As conclusões a que o nosso estudo nos conduziu apontam no sentido de as estratégias de *transfer* e estratégias de interlíngua coexistirem, mostrando que nenhum modelo de aquisição de L2 deve ser demasiado categórico. Se, de facto, os sons que não pertencem à língua materna criam as maiores dificuldades num primeiro momento, os aprendentes demonstram serem capazes de reestruturar o seu sistema fonológico de forma a incorporá-los e são capazes a dada altura de utilizá-los na tentativa de produzir sons ainda não dominados. Isto demonstra que a interlíngua é realmente uma estrutura regida por regras autónomas. Há que considerar que, na aquisição de uma segunda língua, há vários factores que interagem: a L1 vai influenciar a aprendizagem, no entanto, o aprendente chegará a um certo domínio da língua-alvo, a interlíngua, em que irá desenvolvendo e testando hipóteses sobre o funcionamento da língua a atingir. Estratégias ligadas a estas duas influências coexistem na aquisição de uma L2. Por conseguinte, a hipótese que nos parece a mais plausível é a de que, se existe acesso à Gramática Universal, esta é proporcionada a partir da L1; a partir de um certo nível de conhecimento, o aprendente constrói um sistema próprio, a interlíngua, que vai desenvolvendo da mesma forma que uma criança ao adquirir a sua língua materna. Para se tirarem conclusões com uma amplitude maior, é necessário que a análise dos erros de aprendentes lusófonos seja alargada a um maior número de inquiridos, assim como a um maior número de estímulos escritos. Por outro lado, na análise de segmentos vocálicos, é imprescindível recorrer à análise acústica, instrumento ao qual não tivemos acesso na elaboração do presente trabalho.

#### Referências

- Corder, P. (1971). "Que signifient les erreurs des apprenants?". In *Langages* 57.
- Corder, P. (1973). La sollicitation de données d'interlangue". In *Langages* 57.
- Corder, P. (1983). "A role for the mother tongue". In S. Gass & L. Selinker (eds.), *Language transfer in language learning*, Rowley, Newbury House.
- Dell, F. (1973). *Les règles et les sons. Introduction à la phonologie générative*. Paris: Hermann.
- Durand, J. (1990). *Generative and Non-linear Phonology*. London: Longman.
- Durand, J. (2005). "Les primitives phonologiques: des traits distinctifs aux éléments". In Nguyen, N., Wauquier-Gravelines, S., Durand, J. (eds) *Phonologie et phonétique: Forme et substance*. Paris: Hermès.

- Durand, J. & C. Lyche (2004). "Structure et variation dans quelques systèmes vocaliques du français: l'enquête *Phonologie du français contemporain(PFC)*". In A. Coveney & C. Sanders (eds) *Variation et francophonie*. Paris: L'Harmattan: 217-240.
- Encrevé, P. (1988). *La liaison avec et sans enchaînement*. Paris: Seuil.
- Frota, S. (1995a). "Os domínios prosódicos e o PE. Fenómenos de sandhi". In *Actas do X Encontro Nacional da APL*, 221-237. Lisboa: APL/Colibri.
- Leiria, I. (2001). *O léxico. Aquisição e ensino do Português Europeu língua não materna*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Mateus, M. H. & E. d'Andrade (2000). *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- Nguyen, N., Wauquier-Gravelines, S., Durand, J. (eds), (2005). *Phonologie et phonétique:Forme et substance*. Paris: Hermès.
- Ritchie, W. C. & T. K. Bhatia (eds.), (1996). *Handbook of Second Language Acquisition*. San Diego: Academic Press.
- Selinker, L. (1972). "Interlanguage". In *International review of applied linguistics* 10, pp.209-231.
- Tranel, B. (1995). "Current issues in French Phonology: Liaison and Position Theories". In Goldsmith, J. A., *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Massachusetts: Blackwell. 798-816.
- Towell, R. & Hawkins, R. (1994). *Approaches to Second Language Acquisition*. Clevedon-Philadelphia-Adelaide, Multilingual Matters LTD.
- Wauquiers-Gravelines, S. & V. Braud, (2004). "Proto-déterminant et Acquisition de la Liaison Obligatoire en Français", in *Languages*, "nouvelles approches de la liaison", numéro coordonné par J. P. Chevrot, M. Fayol & B. Laks